

Apresentação

Desvendar a obra de Sérgio Buarque de Holanda se tornou um desafio nos últimos anos, basicamente, por dois motivos: as análises sobre a produção intelectual do autor têm se tornado mais frequentes e se diversificado de tal modo que, para cada período de sua trajetória, há um leque de autores com aos quais é possível dialogar diretamente, ou seja, não faltam perspectivas sobre a obra do historiador; e, como Antonio Candido já anunciara em 1967 em um texto que acabou se tornando uma espécie de prefácio para *Raízes do Brasil* – “[o livro] é construído sobre uma admirável metodologia dos contrários, que alarga e aprofunda a velha dicotomia da reflexão latino-americana” (Candido, 2006, p.240) –, assim, qualquer compreensão da obra deverá considerar que o livro aprofunda as questões do seu próprio tempo e lugar de uma maneira incomum: ampliando-as. Esta visão parece um bom motivo para entender por que as tentativas de compreender as raízes teóricas do autor levaram muitas vezes os seus intérpretes a afirmar que Sérgio Buarque não se filiava a nenhuma escola em particular ou a várias simultaneamente, ou que modificava suas influências a ponto de descaracterizá-las, ou mesmo superá-las em dinamicidade (cf. Candido, 2006, p.240). Então, de uma forma ou de outra, o trabalho de entendimento da obra de Sérgio terá que lidar com estas dificuldades. Desse modo, o que leva este trabalho acadêmico a empreender mais um esforço de interpretação sobre um livro já tão consagrado pela crítica e protegido de simplificações por causa da complexidade das próprias questões que levanta? Sem pretender-se obtuso, o argumento se apresenta aqui de

modo indireto, aproveitando um pouco das lições do autor de *Raízes* no que diz respeito ao tratamento de um problema: ele não é definido de pronto, mas aparece na discussão acerca das questões trabalhadas o que, de certo modo, facilita sua caracterização sem anular sua complexidade.

O ponto surge em uma das várias tentativas de se pensar numa unidade para compreender a rica obra de Sérgio. Em um determinado evento dedicado à obra de Sérgio Buarque de Holanda, comentando a comunicação de Antonio Candido, o historiador Fernando Novais faz uma afirmação aparentemente sem importância ao comentar o objetivo muito freqüente de se “submeter” a obra de Sérgio a uma unidade de sentido, ou de preocupações como ele prefere dizer (cf. Novais, 1992, p.106). O trecho em questão se refere a uma das obras históricas do autor, *Do Império à República* (1972):

“O livro todo, no fundo, é uma reconstituição daquele evento, a crise do Império. [...] Quando isso termina, um leitor apressado tem a idéia que este é um livro descritivo, que falou daquilo, falou disso, mas não tem nenhuma teoria sobre a crise do Império. [...] Talvez não tenha, mas certamente, havia ali uma compreensão da crise do Império, que nenhuma teoria é capaz de dar”. (Novais, 1992, p.108).

Novais, despretensiosamente, toca em um ponto extremamente importante para o argumento desta tese. A partir de sua colocação sobre um livro escrito na maturidade do autor, pode-se verificar que Sérgio era de fato um autor difícil de ser compreendido à luz de uma determinada escola teórica ou corrente interpretativa. Mesmo no que se refere a sua juventude, em especial a *Raízes do Brasil*, os seus comentadores parecem não chegar a um consenso que possa estabelecer um fio condutor através do qual Sérgio teria formulado principais conceitos que ali são caracterizados. Mesmo sabendo que nem sempre as interpretações excluem-se mutuamente, os autores que se propuseram a investigar as raízes de Sérgio acabaram identificando um sem número de influências e, raramente concordaram com o grau de importância que deveriam conferir a esta ou aquela idéia, ou mesmo a um determinado autor, que teria marcado a formação do jovem Sérgio Buarque de Holanda. Uma das raras exceções a esta observação talvez seja a presença de Max Weber, que será devidamente examinada ao longo do trabalho. Por outro lado, as palavras de Fernando Novais chamam a atenção para a qualidade do resultado das análises de seu colega de ofício. Isso pode

conduzir a reflexão a dois caminhos diferentes: a obra de Sérgio constitui uma corrente teórica específica e articulada, passível de ser aproveitada do ponto de vista de outras análises, e, neste sentido, contribui com o debate acerca das próprias questões de sua área de atuação, as ciências humanas; ou a tentativa de estabelecer uma ligação visceral do argumento de *Raízes* a um determinado autor ou escola teórica pode converter-se em um esforço de resultados pouco elucidativos a respeito da própria reflexão de Sérgio Buarque. Na verdade, este trabalho é um pouco o resultado de uma reflexão que não exclui nenhuma destas duas possibilidades.

Neste sentido, apesar da própria estrutura da tese parecer apontar uma determinação das fases da obra do Sérgio a partir de uma cronologia e de uma ligação com frentes de específicas de pensamento, o resultado pretendido é outro. O primeiro capítulo, “modernismo e tradição”, propõe-se a analisar a relação entre a noção de renovação estética e a de tradição no interior da reflexão modernista de Sérgio Buarque sem, contudo, vincular o pensamento do autor ao Romantismo, como consta em outras interpretações acerca desta mesma questão (cf. Carvalho, 2003; Castro, 2003). O segundo capítulo avança no exame desta tensão entre tradição e mudança a partir do estabelecimento de um diálogo do autor com seus colegas modernistas e com algumas vanguardas européias, embora não compreenda os argumentos de Sérgio sob a tutela específica do irracionalismo, como sugerem outros trabalhos (cf. Eugênio, 2009). O terceiro e último capítulo investe no estabelecimento de uma confluência entre as questões levantadas anteriormente e alguns pontos importantes de *Raízes do Brasil* o que permite a compreensão da obra fora da filiação habitual à sociologia weberiana, como consta em interpretações consolidadas (cf. Dias, 1985; Monteiro, 1999). Deve-se enfatizar, por outro lado, que este trabalho não se estrutura a partir de uma negação de qualquer uma destas outras interpretações. Ao contrário, muitas das questões tratadas aqui só foram concebidas em função da leitura dos comentadores da obra de Sérgio Buarque o que, em muitas vezes, fez com que os argumentos se aproximassem inclusive. Entretanto, assim como o caminho, o resultado nem sempre foi semelhante.

O objetivo deste trabalho consiste em explorar a riqueza de *Raízes do Brasil* justamente nas possibilidades que o livro oferece quando suas idéias não parecem se encaixar em nenhuma das referências teóricas utilizadas pelo autor.

Este é o caso da valorização da tradição em meio a discussão da renovação modernista e da abertura à compreensão de estímulos irracionais ao capitalismo frente às constatações weberianas acerca do impacto da racionalização de todos os aspectos da vida sobre o seu desenvolvimento enquanto sistema. Não se trata, entretanto, de negar as interpretações anteriores sobre a participação de Sérgio no movimento modernista ou sobre a influência de Weber em *Raízes*. Explorar perspectivas não habituais refazendo caminhos consolidados acerca da obra de Sérgio Buarque é um exemplo da atualidade da sua reflexão e da complexidade de seu pensamento que se pretende aqui, mais uma vez, vivificar.